

# COMUNICAÇÃO



*Esta seção analisa o posicionamento editorial dos grupos da mídia tradicional brasileira em relação a dois fatos: a decisão do STF contrária à prisão em segunda instância e a libertação do ex-presidente Lula. Apon- ta também que o governo federal foi motivo de reportagens em jornais estrangeiros por seus problemas e polêmicas e analisa o comportamento das redes sociais sobre os pontos-chave do governo Bolsonaro.*

## Para a mídia tradicional, Lula livre acentua polarização

Os principais grupos da imprensa tradicional brasileira publicaram editoriais sobre a posição do Supremo Tribunal Federal (STF), contrária à prisão em segunda instância. De forma unânime, ignoraram que a decisão significa respeito à Constituição e a analisaram como um retrocesso, que supostamente favorece os criminosos de colarinho branco.

Já a libertação do ex-presidente Lula, que ocorreu na sequência, foi mostrada em editoriais como algo que acentua a polarização entre a esquerda e a direita.

De acordo com a análise do Manchetômetro, os jornais *O Globo*, *Folha de S.Paulo* e *O Estado de S.Paulo*

negam a contribuição do ex-presidente para a política nacional, rejeitam sua intervenção no presente, denunciando-a como extremista, antidemocrática e populista, e o responsabilizam por supostamente promover a polarização política no país. Bolsonaro marca presença nas três narrativas como o antípoda de Lula, aquele que cumpre a função de demonstrar o quão o ex-presidente está radicalizado.

A narrativa reforça que a saída de Lula da prisão da Polícia Federal fortalecerá a polarização da política brasileira, com prejuízos às instituições democráticas. Ao colocarem Lula no nível de Bolsonaro, os jornais o mostram como uma ameaça à

democracia e lançam sobre suas ações um manto de ilegitimidade.

O *Estadão* publicou, em 9 de novembro, o editorial “O mundo não acabou”, sobre a decisão do STF contrária à prisão em segunda instância, no qual defende que o Legislativo mude a Constituição. “O STF analisou a constitucionalidade de um artigo do CPP, declarando-o constitucional. Se o que a lei dispõe traz danos ao sistema de Justiça, o caminho institucional para sua correção é o recurso à Casa da representação do povo. Numa República, esse é o único caminho legítimo e sadio”.

Na mesma linha foi o jornal *O Globo*, que publicou no dia 10 um editorial onde apontou o combate entre Lula e a Operação Lava Jato como fundamental na mudança de compreensão do Supremo quanto à prisão em segunda instância.

No editorial “Retrocesso penal”, publicado pela *Folha* no dia 9, o jornal afirma que se trata de um retrocesso para a expectativa de estabilidade na aplicação das normas e a percepção de que a lei atinge a todos, ricos e pobres, sem distinção. “No horizonte das conquistas recentes contra a corrupção, sempre pairou a ameaça da associação tácita entre as possíveis vítimas poderosas e suas clientelas para colocar freios no processo. Após a decisão desta quinta, o STF terá trabalho para convencer o público de que não endossa o chamado acordo.”

No texto “Lula e Bolsonaro”, publicado no dia 11, o *Estadão* fortalece uma narrativa de polarização da política entre os dois personagens em polos opostos e a sociedade democrática ao centro: “Os grandes ganhadores da decisão do STF são Lula e o presidente Jair Bolsonaro, ou seja, o petismo e o bolsonarismo. Como ambos agem segundo a concepção do político baseada na distinção entre “amigo e inimigo”, o “nós contra eles”, numa luta que adquire contornos existenciais, como se a eliminação do outro devesse ser a regra, eles vão surgir como os principais protagonistas das eleições de 2022.

O mesmo faz a *Folha* com o editorial “Eles contra eles”, no qual afirma que “tal modelo de antagonismo tende a alimentar mistificações e investidas populistas de lado a lado. Sataniza-se o oponente a todo momento, no afã de inflamar as próprias hostes militantes. Ganham os dois protagonistas.

Perde, em racionalidade, o debate político e programático”. O texto critica o discurso de Lula em São Bernardo, no dia 9, focado na questão econômica. De acordo com o jornal, “trata-se da área em que o governo dispõe de uma agenda coerente e uma equipe qualificada. Ademais, há a expectativa plausível de uma recuperação da atividade, ainda que modesta, capaz de reforçar o capital político do mandatário”.

### Bolsonaro na imprensa estrangeira

Em 2019, o governo de Jair Bolsonaro foi motivo de reportagens em jornais estrangeiros por seus problemas e polêmicas. A agenda econômica tão exaltada pela imprensa brasileira praticamente não teve espaço nas páginas dos principais veículos do mundo. As ações do governo brasileiro nessa área renderam notícias no *Financial Times*, *Al Jazeera*, *Le Monde* e em agências de notícias internacionais no mês de outubro, quando esses periódicos apresentaram avaliações do que havia sido realizado até então.

De acordo com essas análises, pouca coisa mudou na economia brasileira diante de tudo o que foi prometido. Os textos afirmam que apenas a reforma da Previdência estava sendo aprovada e que isso é quase nada. De acordo com o *Financial Times*, o atual governo inspira certa desconfiança por parte do mercado porque não está claro qual o caminho que o Brasil vai seguir de fato.

A maior parte das notícias sobre o atual governo que rodaram o mundo abordavam a questão ambiental. Desde março, muito antes da crise na Amazônia, jornais com *New York Times* e *The Guardian* afirmavam que Jair Bolsonaro representava um perigo para a preservação da Floresta Amazônica e do meio ambiente em geral.

Em maio, o jornal francês *Le Monde* dizia que o ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles, utilizava uma retórica absurda para desfazer tudo o que já havia sido feito na área ambiental. É impressionante como os jornais estrangeiros denunciam a política de destruição do meio ambiente que está em curso enquanto a imprensa brasileira finge que não vê e apenas sugere que talvez possa existir algum problema. É preciso reconhecer, no entanto, que a

*Folha de S. Paulo* chegou a noticiar o desmonte no Ibama e no ICMBio.

De qualquer maneira, os jornais estrangeiros deram muita atenção ao problema. Ainda no mês de maio, alguns veículos trataram do manifesto publicado por ex-ministros do Meio Ambiente que criticava o que Ricardo Salles e Bolsonaro vinham fazendo. No mês de julho, o que chamou a atenção foi a tentativa de censurar o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais, o Inpe, que divulgou dados alarmantes sobre o desmatamento na Amazônia. O diretor do Inpe na época, Ricardo Galvão, foi duramente criticado por Jair Bolsonaro e Ricardo Salles, que tentaram desqualificar o cientista, fazendo uso de um discurso negacionista.

Em agosto, o mundo todo virou suas atenções para o Brasil por causa das queimadas que se espalharam pela Amazônia e atingiram um nível recorde. Para os jornais estrangeiros os incêndios e a falta de atitude do governo brasileiro foram a confirmação do que eles já vinham noticiando desde o início do ano: que Jair Bolsonaro é contra a preservação do meio ambiente. O discurso de ódio utilizado por ele durante as eleições reapareceu durante a fala de abertura da Assembleia Geral da ONU.

As críticas aos povos indígenas, e em especial ao cacique Raoni, fizeram com que os jornais estrangeiros rerepresentassem críticas que faziam a Bolsonaro ainda no período da campanha eleitoral. Ele foi considerado um populista de direita, racista, homofóbico e misógino. Além disso, a imprensa estrangeira afirmou que Bolsonaro é um negacionista que se cercou de outros céticos.

O jornal português *Diário de Notícias* disse que Bolsonaro declarou guerra ao mundo em seu discurso na ONU. No mês de setembro, as atenções continuaram voltadas para a falta de preservação do meio ambiente no Brasil, para a maneira irresponsável como Ricardo Salles e Jair Bolsonaro trataram toda a crise ambiental.

Bolsonaro também foi alvo de críticas em função da sua postura com relação à ciência e às universidades públicas. Após os cortes anunciados pelo governo, as manifestações realizadas na greve nacional da educação receberam ampla cobertura da imprensa estrangeira. Esses veículos deram espaço

para que pesquisadores e estudantes apresentassem seus argumentos e criticassem o governo, algo que quase não se vê na imprensa brasileira.

O que marca essa diferença fundamentalmente é a falta de espaço para o contraponto nos jornais que circulam no Brasil. Além disso, os jornais estrangeiros não se furtam de classificar Jair Bolsonaro tal como ele é, algo que a mídia brasileira nunca fez. A grande questão é que a mídia tradicional brasileira não situa seu público sobre como Jair Bolsonaro é visto no mundo ou com que forma de fazer política ele se assemelha. Continuamos a ser um país que é mal informado pelos profissionais da informação. Essa situação coloca em vantagem um governo que vive escondido atrás da produção de fake news e que distorce a realidade.

A maior fake news do cenário político brasileiro nos últimos anos, a Operação Lava Jato, também foi alvo de diversas matérias no mês de julho, após as primeiras reportagens da série Vaza Jato publicadas pelo site *The Intercept*, do jornalista estadunidense Glenn Greenwald. A partir destas revelações a imprensa estrangeira concluiu rapidamente que o processo contra o ex-presidente Lula camuflou uma gigantesca perseguição política. Algo que até hoje a imprensa brasileira como um todo ainda não reconheceu.

### Picos de Bolsonaro na redes sociais

Os primeiros meses de Jair Bolsonaro à frente do governo federal geraram um volume significativo de temas, ocorrências, crises e debates nas redes sociais online, uma de suas principais plataformas de campanha e, até certo ponto, governabilidade. É essencial compreender a limitação do alcance de temas que outrora foram considerados extremamente impactantes nas redes sociais, bem como o alcance de outros que passam muitas vezes despercebidos. Temas ligados à economia cotidiana, como “liberação do FGTS” são muito mais destacados do que outros debates que envolvem questões ligadas a costumes e/ou preconceitos destilados pelo presidente em suas redes sociais.

Já as manifestações públicas em fóruns internacionais, como foram os casos de Davos e ONU,

geraram um embate entre ambos os espectros, ampliando consideravelmente, assim, o alcance destes temas. É inegável, porém, que três temas extremamente desgastantes para Jair Bolsonaro tiveram um alcance significativo neste período analisado: seu envolvimento com o assassinato de Marielle Franco e Anderson Gomes, o desmatamento da Amazônia e, mais recentemente, os vazamentos de óleo na costa brasileira.

A fim de analisar os pontos-chave do governo, até aqui, foram listados cinco picos significativos de interações com notícias ligadas ao presidente nas redes sociais online:

1. 1º de janeiro: dia da posse de Jair Bolsonaro, 28.868 notícias com 42.259.855 compartilhamentos;
2. 14 a 20 de janeiro: suspensão das investigações contra Flávio Bolsonaro pelo STF, 17.780 notícias com 38.664.753 compartilhamentos;
3. 6 a 12 de maio: possível indicação de Moro ao STF, cortes de bolsas, 13.976 notícias com 36.969.297 compartilhamentos;
4. 26 de agosto a 1º de setembro: queimadas na Amazônia, “alta” do PIB, Bolsonaro defende prisão de jornalistas e enfrentamento com Macron, 17.637 notícias com 34.573.124 compartilhamentos;
5. 21 a 27 de outubro: imposto sobre férias e 13º, “I love you” para Trump e discurso de Bolsonaro na ONU, 19.436 notícias com 31.648.307 compartilhamentos.

Já entre as publicações em redes sociais online com maior volume de interações destacam-se:

1. 1º de janeiro: 47.554 posts com 33.533.649 interações. Posse de Jair Bolsonaro.
2. 14 a 20 de janeiro: 40.826 posts com 28.669.106 interações. Escândalos envolvendo Queiroz surgem na imprensa.
3. 11 a 17 de março: 29.446 posts com 24.015.862 interações. Divulgação de que vizinho de Bolsonaro teve envolvimento direto com a morte da vereadora Marielle Franco e seu motorista.
4. 12 a 18 de agosto: 35.695 posts com 24.179.208 interações. Denúncias por queimadas na Amazônia.
5. 21 a 27 de outubro: 26.800 posts com 26.547.172 interações. Visita de Bolsonaro ao Oriente Médio, polêmicas com PSL e derramamento de óleo na costa brasileira.

Outro termômetro para medir o alcance e os temas nos primeiros meses do desgoverno de Jair Bolsonaro é oferecido pelo Google. Destacam-se: Golden shower Bolsonaro, decreto armas Bolsonaro, Bolsonaro discurso ONU, liberação FGTS, vídeo que Bolsonaro postou, Bolsonaro Davos, vídeo Bolsonaro carnaval, Faustão fala sobre Bolsonaro, Bolsonaro cartão corporativo, Bolsonaro corta verba da educação, Macron Bolsonaro, discurso de Bolsonaro na ONU, prefeito de Nova York Bolsonaro e Bolsonaro na ONU.